**CUIDADO FAMILIAR PARA O EMPODERAMENTO E A AUTONOMIA DA CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL**

PACHECO, Bruna Peres

PINTANEL, Aline Campelo

ZORTEA, Bruna

GOMES, Giovana Calcagno

**Evento:** Congresso de Iniciação Científica

**Área do conhecimento:** Saúde/ Enfermagem

***Palavras-chave:***Família; Criança; Deficiência Visual.

**1 INTRODUÇÃO**

A Deficiência Visual (DV) é entendida como qualquer forma de impedimento de caráter orgânico ligado a enfermidades oculares que comprometam o ideal funcionamento da visão. (BATISTA, ENUMO, 2000). São entendidos como deficientes visuais os indivíduos que apresentam visão nula ou diminuída a ponto de limitá-los para as atividades diárias (CUNHA, ENUMO, 2003).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2006) aproximadamente 500.000 crianças no mundo desenvolvem DV anualmente. Estas são, frequentemente, isoladas de contatos e da criação de vínculos, tendo suas interações restritas à relação apenas com adultos e familiares. Neste sentido, há a necessidade de que crianças portadoras de DV sejam empoderadas para o enfrentamento cotidiano de forma a tornarem-se autônomas. Assim, o objetivo deste estudo foi compreender as estratégias utilizadas pela família para o empoderamento e a aquisição da autonomia da criança portadora de DV.

**2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa realizada no segundo semestre de 2011 em Centro de Educação Complementar para Deficientes Visuais localizado no sul do Brasil, com dez mães cuidadoras de crianças portadoras de DV. Os dados foram obtidos através de entrevista semiestruturada e analisados pela técnica de Análise Temática (MINAYO, 2008).

O projeto foi encaminhado ao comitê de ética em pesquisa na área da saúde – CEPAS - FURG sendo aprovado sob parecer número 105/2011. As falas das participantes no estudo foram identificadas pela letra F seguida do número da entrevista, com vistas a garantir o seu anonimato.

**3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados do estudo geraram seis categorias: Estimular a criança a conviver com outras crianças videntes ou não; Introduzir estímulos no ambiente para favorecer o exercício da independência; Auxiliar a criança a adquirir habilidades motoras; Auxiliar a criança a perceber e explorar o mundo; Auxiliar a formação do autoconceito e autoimagem e Auxiliar a criança na aquisição de papéis e funções.

O relacionamento da criança com DV é importante tanto com crianças com DV como com crianças videntes, auxiliando no seu desenvolvimento. Além disso, a criança precisa ter um ambiente propício à aprendizagem e ter uma liberdade vigiada, para que possa se desenvolver. Ela necessita de estímulos táteis e sonoros para o desenvolvimento de seus potencias e sua independência. Na ausência desses suas capacidades iacabam sendo minimizadas ouanuladas (KREUTZ e BOSA, 2009).

A criança com DV precisa de mais tempo para fazer a distinção fundamental entre o seu “eu” anatômico. À medida que esta é capaz de se autoconceituar pode-se dizer que apresenta as potencialidades cognitivas necessárias.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os profissionais da saúde/enfermagem precisam atuar em conjunto com as famílias e os profissionais da educação, construindo uma rede de apoio em torno da criança cega e sua família, instrumentalizando a família para o cuidado e incentivo a independência da criança cega.

**REFERÊNCIAS**

BATISTA, C; ENUMO, S. Desenvolvimento humano e impedimentos de origem orgânica: o caso da DV. IN: H. Novo; M.Menandro, M (orgs.).Olhares diversos: estudando o desenvolvimento humano. Vitória: UFES, 2000, p. 28-34.

CUNHA, A; ENUMO, S. Desenvolvimento da Criança com DV e Interação Mãe-Criança: Algumas Considerações. Rev. Psicologia, Saúde & Doenças, 2003, p.12-21.

OMS- Situação Mundial da Visão. Visão 2020: o direito de ver, 2006. Disponível em <WWW.v2020.org>ou <WWW.who.com>. Acesso: dezembro de 2010.

MINAYO, M. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2008.

KREUTZ CM, BOSA CA.Early intervention in parent-baby interaction in a context of visual impairment.Estud.psicol. (Campinas). 2009; 26(4): 537-44.